

UM HOMEM E UMA CÂMERA!

Com câmera Hasselblad, Evandro Teixeira registrou momentos históricos do Brasil e da América Latina.

O JB (Jornal do Brasil) foi o primeiro veículo da imprensa brasileira a ter seu próprio estúdio fotográfico e a adotar câmeras de médio porte, como a sueca Hasselblad, que garantiam ótima nitidez, mesmo em grandes ampliações. Isso possibilitou que muitos fotógrafos e fotojornalistas pudessem ter seus olhares sobre momentos decisivos eternizados em filmes fotográficos, negativos e positivos, slides e outros métodos de “escrita” com a luz (foto – luz, grafia – escrita; fotografia). Evandro Teixeira transporta quem vê as imagens hoje para tempos passados e compartilha a importância do instante vivido por meio da aliança entre o homem e a câmera. As imagens captadas pela Hasselblad e pelas câmeras Nikon F, Rolleiflex, Leica M-3 com lente 35mm usadas por Evandro Teixeira fizeram história.



Militar cai após acrobacias

Cabo Costa, da Aeronáutica, que escoltava a comitiva do grão-duque de Luxemburgo, sofre acidente sem ferimentos após executar manobras enquanto pedia para ser fotografado

Em 17 de setembro de 1965, Jean Marc D’Aviano, o grão-duque de Luxemburgo, esteve no Rio de Janeiro para uma visita oficial de dois dias. Na programação da autoridade, estava uma visita às novas obras de desenvolvimento: Túnel Rebouças, Maracanã e Aterro do Flamengo. Bem impressionado com as mudanças e a modernização do país nos últimos sete anos, que o separaram de sua viagem anterior, o grão-duque acabou presenciando uma cena inusitada.

O cabo Costa, batedor da Força Aérea Brasileira, que escoltava a comitiva luxemburguesa, reparou na presença do fotógrafo Evandro Teixeira, do Jornal do Brasil, que vinha no carro oficial do JB de número 23, uma Rural Wyllis. Evandro já era um profissional cadastrado na Presidência da Repú-

blica e, por isso, acompanhava a comitiva fazendo a cobertura jornalística, condição que possibilitou que o militar e o fotojornalista já se conhecessem das diversas cerimônias oficiais que ambos frequentaram.

Foi, então, que o cabo Costa iniciou uma série de manobras e pequenas acrobacias, pedindo para ser fotografado, enquanto Evandro Teixeira sustentava a câmera para fora da janela do automóvel. Durante os movimentos, o motociclista acabou derrapando em uma mancha de óleo e caiu. Enquanto isso, a moto seguiu em pé, em uma trajetória linear por cem metros, até bater no meio fio e se incendiar. Os motoristas de outros veículos - táxis, ônibus e carros particulares - usaram extintores de incêndio para ajudar a conter as chamas.

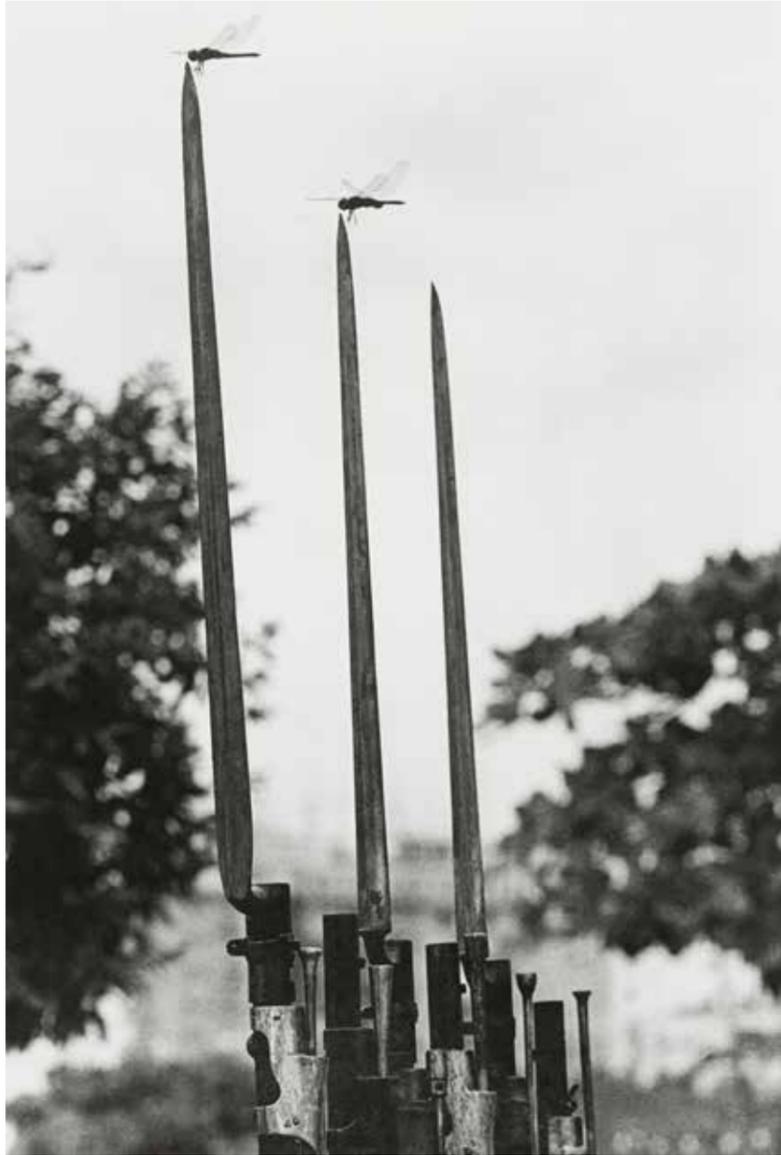
A foto da queda do militar foi capa da edição do JB de 18 de setembro com o título “A liberdade da motocicleta”, ilustrando um breve texto que narrava os fatos, que finalizava

dizendo: “A motocicleta, vítima de uma liberdade para a qual não estava preparada, incendiou-se no fim de sua jornada e ficou totalmente destruída”.

A convite do Ministério das Relações Exteriores, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM) selecionou e organizou uma mostra com os trabalhos que estariam na VI Bienal de Paris, em 1969. Contudo, a exposição “Representação Brasileira” no MAM foi fechada pela censura dos militares momentos antes da abertura (que seria em 30 de maio de 1968). Uma das obras que, supostamente, motivaram a censura foi a foto de Evandro Teixeira, ali intitulada “Moto e Queda”, que naquele momento foi interpretada como um símbolo da instabilidade do governo militar. Segundo o ministro das Relações Exteriores, Magalhães Pinto, “houve um abuso de confiança, pois, ao receber a incumbência de escolher as obras de arte, o MAM foi instruído para afastar aspectos ideológicos e políticos das obras concorrentes”.

Libélulas e baionetas levam fotógrafo para prisão

Presidente Castelo Branco se aborreceu com manchete que destacava a imagem ao invés dele mesmo!



No sábado, 21 de maio de 1966, às três horas da tarde, foi inaugurada a exposição sobre os armamentos do passado até aquele momento. Instalada em um lugar simbólico, o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra, no Aterro do Flamengo, a mostra apresenta as armas e munições usados na Guerra do Paraguai, além de outros artefatos de valor histórico inestimável, cedidos pelo Museu Histórico Nacional.

O fotojornalista Evandro Teixeira esteve nesse evento, que celebrava a efeméride dos cem anos da Batalha do Tuiuti, e registrou, além das presenças de autoridades, o momento singular em que libélulas se aproximam das baionetas - espécie de pequenas espadas adaptadas para caber na ponta de espingardas. A foto ilustrou a capa do Jornal do Brasil de 22 de maio.

Alguns dias após a publicação, Teixeira foi chamado ao gabinete presidencial, no Palácio das Laranjeiras, onde já era credenciado. Lá, o fotógrafo tomou uma descompostura do presidente Castelo Branco, já que a imagem das libélulas e baionetas havia ganhado destaque principal na primeira página do jornal, enquanto a fotografia do próprio general, na ocasião, não fora nem mesmo publicada.

Encurralado pela reprimenda do presidente, argumentou que a escolha não era de sua responsabilidade, mas que se tratava de uma decisão editorial. Não adiantou. Evandro Teixeira foi preso e passou uma noite no quartel da Tijuca, sob alegação de desrespeito à autoridade. Ou por causa de libélulas e baionetas.

FAÇA UMA VISITA MEDIADA!

O CCBB Educativo - Lugares de Cultura oferece visitas mediadas todos os dias para todos os públicos. Basta retirar seu ingresso na bilheteria ou agendar pelo e-mail agendamento.rj@programacbbeducativo.com.br

ATELIÊ ABERTO

Atividades para toda a família aos finais de semana! Das 11h às 17h, com entrada gratuita.

HISTÓRIAS PARA GENTE GRANDE

Assista a contação de histórias voltadas para maiores de 12 anos. Aos sábados, domingos e feriados, 17h.

Militares tomam o Forte de Copacabana e fincam a bandeira de um novo regime

Sob intensa chuva, a noite de primeiro de abril de 1964 colocou o Forte de Copacabana mais uma vez na História.

A forte chuva que caía na madrugada de primeiro de abril não foi suficiente para deter o avanço dos militares. Depois de o presidente João Goulart insistir nas reformas de base, reafirmadas no comício de 13 de março, na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, as alas conservadoras da sociedade brasileira se reuniram somando 500 mil pessoas na Marcha com Deus pela Família e pela Liberdade, em São Paulo. O tom da manifestação era anticomunista e a favor da tomada do poder pelos militares.

Marcada para o dia 10 de abril, a mobilização militar pela intervenção no governo foi adiantada pela ação intempestiva do general Olímpio Mourão Filho. No dia 31 de março, as tropas sob seu comando iniciaram uma rebelião em Juiz de Fora, Minas Gerais, e marcharam até o Rio de Janeiro para a derrubada de João Goulart. O contingente mineiro se juntou aos generais Humberto Castelo Branco e Artur da Costa e Silva, no Palácio das Laranjeiras, e se dirigiram ao Forte de Copacabana, onde essa foto foi feita.



O Forte de Copacabana é, desde 1763, um símbolo das artilharias que estão ali para proteger a Baía de Guanabara de invasores e foi palco de diversos acontecimentos, como a Revolta dos 18 do Forte, em 1922. Em primeiro de abril de 1964, duzentos anos após sua instalação nas rochas que separam as praias de Copacabana e do Arpoador, seguiu sendo cenário, agora de um marco na história política.

Evandro Teixeira, fotógrafo do Jornal do Brasil e morador de Copacabana, tinha o costume de jogar vôlei nessa praia. Um de seus colegas de esporte, o capitão Lino, bateu à sua porta às cinco horas da manhã e avisou que “o golpe estava acontecendo”, convidando Teixeira a se juntar a ele. Os dois chegaram ao Forte de Copacabana e entraram. O jornalista se apresentava com nome e patente inventados momentos antes,

como se fosse um militar à paisana. Evandro Teixeira sacou sua câmera de pequeno porte, com lente de 35mm, e começou a registrar o que via. Logo, foi entendido pelos militares ali presentes como um “fotógrafo oficial do Exército”, chegando a fotografar o general Castelo Branco. Nesse momento, o amigo e capitão que convidou Evandro anunciou que “já estava de bom tamanho”.

Imediatamente, ao chegar em casa, o fotojornalista ligou para a redação do Jornal do Brasil e narrou sua experiência. Uma das imagens captadas por Evandro Teixeira naquela madrugada retratava a movimentação dos militares, iluminados pelos faróis dos carros, tornando-se capa do JB em 2 de abril de 1964, dia em que o golpe é consolidado pelo Congresso, depois que o deputado Auro de Moura declara vaga a Presidência da República. Seria o jogo de luz e sombra, registrado pelo fotógrafo, um prelúdio dos tempos sombrios que viriam adiante?

A foto de Castelo Branco, nas palavras de Evandro, “publicaram menorzinha, dentro [do jornal]”.

Candelária vira cenário de violência em momento de luto

Ação da Cavalaria da Polícia Militar armada com sabres deixa feridos na saída da missa de sétimo dia da morte do estudante Edson Luís



O Restaurante Central Estudantil, localizado na avenida Infante Dom Henrique, próximo ao aeroporto Santos Dumont, oferecia refeições a preços populares para os estudantes de baixa renda. O lugar era conhecido como Calabouço - corria a história de que a construção abrigou, outrora, uma prisão para pessoas escravizadas, por isso o apelido sinistro - pertencia ao Ministério da Educação, mas era gerido pela UME - União Metropolitana de Estudantes e oferecia outros serviços como uma policlínica de saúde.

O restaurante Calabouço foi palco de muitas disputas entre os estudantes e o movimento estudantil contra a polícia: as forças policiais reprimiram com violência as manifestações feitas por estudantes contra a alta de preços ou as condições precárias dos alimentos e do prédio.

No dia 28 de março de 1968, aconteceu a primeira morte durante um conflito. Enquanto reprimia uma passeata contrária ao regime, a Polícia Militar invadiu o Calabouço, e o aspirante Aloísio Raposo, que comandava aquela tropa, atirou à queima-roupa no peito do estudante Edson Luís de Lima Souto. Além do rapaz, mais três pessoas morreram em decorrência da ação policial, incluindo um tran-

seunte, um vizinho que assistia à confusão pela janela de sua casa e outro estudante, Benedito Frazão Dutra, que morreu após alguns dias em coma. Outras seis pessoas ficaram feridas, de acordo com o registro da ocorrência.

Edson Luís, de 18 anos, era paraense e estava no Rio de Janeiro cursando o segundo grau no Instituto Cooperativo de Ensino. Sua morte imediata durante o conflito no Calabouço gerou a revolta dos colegas que, temendo que o regime desaparecesse com o corpo do jovem, não permitiram sua retirada pela polícia para o Instituto Médico Legal (IML). Foi quando os estudantes, em cortejo fúnebre, levaram o corpo sem vida de Edson Luís ao Palácio Tiradentes, sede da Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara, na Avenida Antônio Carlos. Lá, diante da multidão, foi feita a autópsia do corpo do estudante e, em seguida, seu velório.

Edson Luís foi enterrado no Cemitério de São João Batista, no túmulo 602, quadra 14, enquanto as pessoas que acompanharam a cerimônia assobiavam em surdina a canção "Valsa da despedida". Desse dia até 2 de abril, protestos foram mobilizados em todo o país. No Rio, os cinemas da Cinelândia colocaram três filmes

nos anúncios: "Noite dos generais", "À queima-roupa" e "Coração de luto". Nessa mesma praça foram colocados cartazes com dizeres como "Velhos no poder, jovens no caixão", "Bala mata fome?" e "Mataram um estudante. E se fosse seu filho?". Evandro Teixeira tentou fotografar as mobilizações, mas foi impedido quando foi cutucado pela ponta de uma baioneta e teve os filmes apreendidos, mesmo ainda sem ter feito nenhuma foto.

Na manhã do dia 4 de abril foi celebrada uma missa, em memória do estudante assassinado, na igreja da Candelária. O que não se esperava era que, do lado de fora do templo, a Polícia Militar, montada em cavalos, estivesse presente e com seus sabres desembainhados. Cercados na saída da missa, dezenas de pessoas ficaram feridas. Outra celebração em homenagem a Edson Luís estava marcada para o mesmo dia, à noite, mas o governo militar proibiu sua realização. Dom Castro Pinto, vigário-geral do Rio de Janeiro, descumpriu a ordem e realizou a segunda missa. Cerca de 600 pessoas compareceram, e tal qual pela manhã, três fileiras da cavalaria se posicionaram com os sabres em riste, além dos reforços do Corpo de Fuzileiros Navais e de agentes do

Departamento de Ordem Política e Social - DOPS.

Os padres pediram para que ninguém saísse, mas pela presença insistente das forças de repressão, os clérigos foram na frente, de mãos dadas, formando uma espécie de corredor para proteger os participantes do culto. Apesar de corajosa, a ação dos padres não foi suficiente para conter os agentes do Estado, que encerraram os civis em ruas próximas, deixando, novamente, o saldo de dezenas de feridos.

Algumas pessoas tentaram se abrigar em prédios das redondezas, como o Edifício Visconde de Cayru, número 55 da praça Pio X, na lateral da Candelária, onde Evandro Teixeira estava com outros jornalistas. De lá, o fotógrafo presenciou e produziu registros do primeiro confronto daquele dia. Ele contou, ainda, que foram expulsos de lá a tiros e precisaram fugir, mas conseguiu salvar os filmes fotográficos entregando-os a uma moça que os escondeu em suas roupas íntimas. Seguindo as orientações do próprio Evandro, a jovem se dirigiu à sede do Jornal do Brasil, na avenida Rio Branco e, usando uma senha previamente combinada com o segurança do JB, entregou os negativos a salvo.

PROTESTO ESTUDANTIL SE TRANSFORMA EM UMA “SEXTA-FEIRA SANGRENTA”

Manifestação tem 28 mortos, mas dados oficiais dizem que foram “apenas três”.

Depois das mobilizações pela morte do estudante Edson Luís, outros atos populares começaram a surgir. No dia 21 de junho de 1968, ocorreu a mais uma da série de manifestações que marcaram a história.

Marcado para o meio-dia, em frente à sede do Jornal do Brasil, na avenida Rio Branco, o protesto degringolou rapidamente e transformou o centro em uma praça de guerra. A Polícia Militar se posicionou encurralando os estudantes, que espalharam rochas e bolas de gude, que fizeram com que os cavalos tombassem. Enfurecidos, os militares partiram para cima dos jovens, que naquele momento contavam também com o apoio de populares - nas ruas e nas janelas dos edifícios da área. Enquanto os civis se valiam de pedras e pedaços de madeira, a força policial usava cacetetes, atirava com balas de diversos calibres e lançava, de um helicóptero, bombas de gás lacrimogêneo.

No início da noite começaram a circular as notícias com o balanço da ação: mais de mil presos, centenas de feridos



e 28 mortos de acordo com os registros dos hospitais. No entanto, segundo os dados oficiais publicados pelo governo, havia apenas três mortos.

O Jornal do Brasil dedicou uma cobertura de dez páginas com muitas fotos desse dia, que ficou conhecido como “Sexta-feira Sangrenta”. Muitas delas foram feitas por Evandro Teixeira, que fotografava o ato nas pro-

ximidades da Cinelândia com outros colegas de diversos jornais.

Dentre esses registros, na parte inferior da capa do JB, estava a foto de um estudante sendo perseguido por dois policiais. A imagem captou o instante antes de o jovem cair e bater com a cabeça no meio-fio, e no rodapé trazia a legenda “Na fuga do espancamento o estudante perdeu os óculos mas não

soltou a pedra que trazia na mão”.

Evandro Teixeira fez mais três fotos da cena antes de ser interpelado por militares. Ele guardou os filmes nas meias e correu à procura de abrigo - para ele e para as imagens - antes que fosse pego ou sua câmera, apreendida ou destruída. Houve relatos de que o fotógrafo levou uma coronhada no queixo e bofetões durante o trabalho jornalístico nessa manifestação.

Antes de correr, Evandro ainda viu que o estudante agonizava enquanto os policiais da perseguição tentavam, a todo custo, levantá-lo. Pela queda, o local do ferimento e a inércia do corpo, o fotógrafo teve a sensação de que o jovem estava morto.

Um mês depois, a pedido de Evandro Teixeira, o Jornal do Brasil fez uma matéria convocando aquele desconhecido estudante ou seus familiares e amigos, em busca da identificação e de notícias sobre seu estado de saúde. O fotógrafo relata que aquele chamado nunca foi respondido, o que, para ele, confirma o falecimento.



Com a crescente sucessão de manifestações populares, a repressão também se intensificou. A crítica à violência do Estado contra a população mobilizou milhares de pessoas, mais uma vez, no Centro do Rio de Janeiro. Estudantes, trabalhadores, artistas, jornalistas e demais recortes sociais que se opunham ao regime - ou ao menos à bestialidade com que os civis eram tratados - se reuniram na Cinelândia no episódio que ficou conhecido como “Passeata dos Cem Mil”.

Enquanto os estudantes ocupavam as escadarias do Theatro Municipal e do Palácio Pedro Ernesto - Câmara Municipal, ouvindo as palavras do líder estudantil Vladimir Palmeira, artistas do teatro, cinema, música e artes plásticas se reuniram no Passeio Público, próximo à loja Mesbla.

Desde muito jovem Vladimir Palmeira esteve envolvido nos movimentos estudantis e chegou à presidência do Movimento de Reforma, da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil (atualmente UFRJ) em 1964; Quatro anos depois foi eleito presidente da UME - União Metropolitana dos Estudantes.



Naquele dia, Evandro Teixeira estava incumbido da missão de acompanhar Palmeira de perto, pois havia sido anunciado que o líder seria preso ou morto pelo brigadeiro João Paulo Burnier, que já havia prendido Stuart Angel, filho da estilista Zuzu Angel. Nesse ínterim, Teixeira se posicionou ao lado do líder estudantil, subindo e descendo as escadarias da Câmara de Vereadores para captar imagens da mobilização. Com sua Leica e uma lente de 50mm, registrou instan-

tes marcantes para a história brasileira, inclusive a imagem da multidão com uma faixa que dizia “Abaixo a ditadura. Povo no poder”. O Jornal do Brasil foi proibido de estampar a foto na capa por dois censores que estavam o tempo todo na redação do jornal.

Às cinco horas da tarde Vladimir Palmeira foi conduzido por seus seguranças ao seu fusca verde que estava estacionado na rua Primeiro de Março. Naquele momento, Evandro pode obser-

Artistas engrossam o coro na passeata dos cem mil

Caetano Veloso, Gilberto Gil, Paulo Autran e Nana Caymmi se juntam a outros artistas, intelectuais e estudantes contra a violência dos militares

var e fotografar outros ângulos da manifestação, que pelo seu volume e magnitude fez com que as forças policiais do regime recuassem momentaneamente. A Passeata dos Cem Mil ocorreu de maneira pacífica e incisiva, reiterando a grande adesão da população a favor dos protestos e contra à violência do Estado.

Dentre os artistas presentes estavam Nana Caymmi, Paulo Autran, Caetano Veloso e Gilberto Gil, que foram fotografados por Evandro Teixeira na linha de frente e expressando seu apoio às mobilizações estudantis. Tônia Carrero, Chico Buarque, Marieta Severo e Nara Leão marcharam com cartazes e protestaram contra a censura, a defesa da cultura e sinalizaram a greve dos artistas que paralisou os teatros.

Também presente, o jornalista Zuenir Ventura conta que a Passeata dos Cem Mil foi uma festa do povo contra a ditadura dos militares. O que os opositores não sabiam era que, no acúmulo dos protestos, da insatisfação da opinião pública e da fala de um deputado, o regime rebateria o coro popular endurecendo ainda mais sua ação.

PROMULGADO O AI-5

Presidente Costa e Silva se reúne com seu vice Aleixo e todos os ministros para oficializar a ditadura.



Presidente Costa e Silva se reúne com seu vice Aleixo e todos os ministros para escancarar a ditadura.

Após os atos e as manifestações populares contra o regime militar implantado no Brasil em 1964, o ano de 1968 marcou a história do Brasil e da América Latina até seus últimos instantes.

A sequência de fatos ocorrida nesse ano, incluindo o assassinato do estudante Edson Luís, a “Sexta-feira Sangrenta” e a Passeata dos Cem Mil, entre muitos outros protestos, culminou com o discurso inflamado do deputado Márcio Moreira Alves (MDB). Na tribuna da Câmara dos Deputados, em Brasília, no dia três de setembro de 1968, o parlamentar se posicionou contra a violência do Estado e convocou a população a boicotar as celebrações do dia Sete de Setembro. Ainda, sugeriu que as moças não se relacionem ou dançassem com oficiais, que ele chamou de facínoras e torturadores.

A reação do governo militar foi imediata: o Ministro da Justiça Gama e Silva exigiu a punição do deputado e líder civil do governo, solicitando à Câmara que autorizasse o julgamento direto de Moreira Alves. A Constituição autoritária promulgada em 1967 já previa a imunidade parlamentar,

o que significava que somente com a anuência da Casa Legislativa seria possível julgar um deputado. Embora a maioria dos parlamentares apoiasse o regime, aceitar tal pedido significava renunciar à autonomia do Congresso, cedendo de maneira constrangedora à vontade do Poder Executivo. Com este pedido feito, a derrota significava uma grave humilhação política para o governo, especialmente na situação colocada durante o ano de 1968: a perda de apoio da opinião pública.

No dia 12 de dezembro o Governo foi derrotado neste crivo, quando os legisladores, em maioria de votos, negaram a suspensão da imunidade parlamentar de Márcio Moreira Alves, o que representou o isolamento político e a ingovernabilidade dos militares diante do Congresso.

As informações da foto não são explícitas quanto à data, apenas confirmam que foi tirada em 1968, no Palácio das Laranjeiras. Entretanto, esta cena seria possível na noite da sexta-feira, 13 de dezembro de 1968, quando o presidente Costa e Silva se reuniu com o vice-presidente Pedro Aleixo e os ministros de governo, que configuravam o Conselho de Segurança Nacional, para confirmar o que já vinha sendo falado pelas ruas. Na grande mesa, onde estavam gravadores de áudio, Costa e Silva se sentou na cabeceira e iniciou a leitura da ata, que tinha cópias dispostas diante de cada membro daquela reunião. Pedro Aleixo foi o único que se posicionou contra, mesmo que obliquamente, mas foi vencido pela maioria, incluindo Jarbas Passarinho, Ministro do Trabalho e Previdência Social, que proferiu a afamada citação: “Eu seria menos cauteloso do que o próprio ministro das Relações Exteriores [Magalhães Pinto], quando diz que não sabe se o que restou caracterizaria a nossa ordem jurídica como não sendo ditatorial; eu admitiria que ela é ditatorial. Mas, às favas, senhor presidente, neste momento, todos os escrúpulos de consciência”.

Os gravadores registraram os votos dos 24

membros e captavam o som das sirenes dos carros de polícia posicionados estrategicamente nos jardins do Palácio, e davam o tom da gravidade e da imposição pela força da ocasião. A palavra “ditadura” foi explanada pelos membros sem floreios e oficializada, naquele momento, como uma política de Estado.

Foi, então, promulgado o AI-5, o Ato Institucional mais severo do regime, que falava sobre o fechamento do Congresso, a suspensão do direito ao *habeas corpus* para crimes políticos, o confisco de bens, a suspensão de direitos políticos, a cassação de mandatos, a censura à imprensa, dentre outras medidas que asseguravam ao Executivo e às forças de segurança os poderes de juiz e algoz.

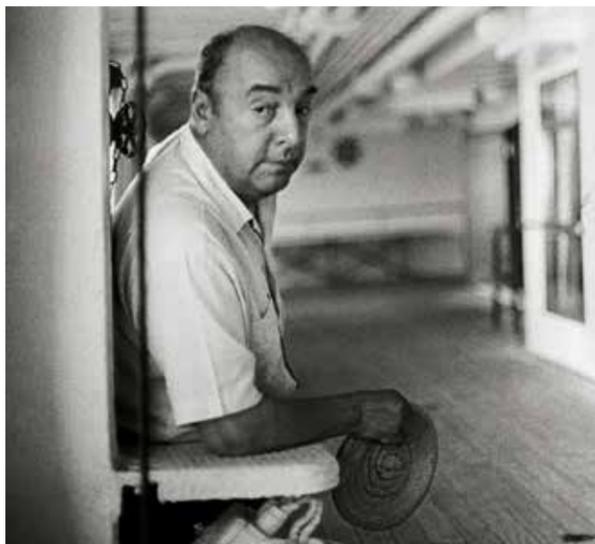
Essa conjuntura fez com que o período ficasse conhecido como “anos de chumbo” e inaugurou o tempo de maior repressão do regime. Aqueles que de alguma forma se opunham ao Governo eram considerados como ameaças, terroristas e uma série de alcunhas que tinham como objetivo deslegitimar a crítica, e gerou um sem-número de prisões, torturas, desaparecimentos, mortes e exílios.

Os quepes militares da foto ilustraram uma ditadura civil-militar consolidada e legitimada nessa data no Brasil, que também abriu as portas para os regimes militares ditatoriais que foram implantados no Chile, na Argentina e no Uruguai nos anos seguintes.



OBITUÁRIO

“Hoje o ar vazio não chora”



Nascido Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto, ficou conhecido pelo pseudônimo Pablo Neruda – tornando-se seu nome legal anos depois. Foi um diplomata e notório poeta chileno, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1971. Faleceu em 23 de setembro de 1973, 12 dias após o golpe de Augusto Pinochet, em 11 de setembro, que vitimou Salvador Allende, presidente do Chile e amigo pessoal de Neruda. A causa da morte do poeta foi divulgada como decorrência de um câncer de próstata. Pablo Neruda deixou esposa, Matilde Urrutia, filha, Malva Marina Trinidad, amigos-irmãos como Evandro Teixeira – que fez este registro em sua passagem pelo Brasil – e uma legião de fãs e admiradores de suas imortais palavras.

“Porém porque peço silêncio não creiam que vou morrer: passa comigo o contrário: sucede que vou viver.”

Veneno?

Em fevereiro de 2023 foi entregue à Justiça chilena um relatório que afirma que o poeta foi envenenado com uma injeção aplicada enquanto ele dormia em sua casa. Após a exumação do corpo de Pablo Neruda, em 2013, e de exames realizados em seus restos mortais, peritos internacionais afirmam que o poeta faleceu em consequência de uma toxina bacteriana, responsável pelo botulismo. As investigações começaram em 2011, após o motorista de Neruda, Manuel Araya, contar ter recebido uma ligação perturbadora do patrão: agitado, ele alegava que havia recebido uma injeção na barriga, enquanto dormia, que o fez arder de dor. Horas depois foi declarado o óbito. Em 2017, especialistas afirmaram ter absoluta certeza de que Pablo Neruda não morreu de complicações do câncer, desmentindo a narrativa da ditadura chilena.

SIRENES CAUSAM TUMULTO EM SANTIAGO

Toque de recolher imposto pela ditadura de Augusto Pinochet provoca pânico na população, que se espreme em ônibus na volta para casa.

No raiar do dia 11 de setembro de 1973, os rádios dos militares anunciaram: “Chove em Santiago”. Mais do que uma mera notícia sobre a meteorologia, a voz que saía dos aparelhos declarava que era hora de agir. As tropas tomaram o litoral de Valparaíso, a cerca de 100 quilômetros de Santiago, e cortaram a comunicação da cidade com o restante do país.

Às seis e meia da manhã, o presidente Salvador Allende foi acordado com um telefonema que avisava sobre o que acontecia: a maior cidade portuária do Chile estava dominada por militares que, liderados por Augusto Pinochet, davam andamento a um golpe de Estado. Logo em seguida as linhas telefônicas do palácio presidencial, o La Moneda, foram cortadas.

Ao longo do dia, o presidente eleito se comunicou algumas vezes com a população pelo rádio para dizer que não iria renunciar. No entanto, vendo que estava sem saída e com o La Moneda cercado e bombardeado, Pinochet concretizou o golpe e Salvador Allende tirou a própria vida.



A ditadura implementada em 11 de setembro perdurou por longos 17 anos e meio e foi uma das mais violentas, totalizando mais de 3 mil mortos, 200 mil exilados e incontáveis vítimas de torturas, desaparecimentos e sequestros, pelos números oficiais. Além disso, o governo ditatorial foi acusado de tráfico de menores de idade, vio-

lência sexual contra 3 mil mulheres e tráfico internacional de drogas.

Evandro Teixeira, fotógrafo do Jornal do Brasil, foi enviado ao Chile no dia 12 de setembro, mas acabou ficando retido por alguns dias na fronteira com a Argentina. Uma vez em Santiago, hospedou-se no hotel Carrera - em frente ao La Moneda - com

todos os correspondentes da imprensa mundial. Lá permaneceu por cerca de 20 dias e produziu imagens que são testemunhos daquela realidade recém-imposta.

Sob o clima de repressão e violência intensos, uma das medidas implementadas para sufocar qualquer resistência, foi o toque de recolher. Evandro Teixeira conta que às seis horas da tarde, todos os dias, soavam as sirenes dos carros de polícia e cornetas eram tocadas, sinalizando que todos deveriam estar em casa, sem poderem se locomover pela cidade. Em 13 de setembro de 1973 foram publicados, por diversos jornais, os comunicados oficiais: “Todos aqueles que insistirem em sua atitude suicida e irresponsável, serão alvos de um ataque definitivo por parte das Forças Armadas. Os que forem aprisionados, serão fuzilados no ato”. Em um outro comunicado, o governo determinou a todos os civis de Santiago: “que não saiam às ruas, individualmente ou em grupo, até que seja suspenso o toque de recolher”.



UNIVERSIDADE BOMBARDEADA

O conhecimento é inimigo do Estado?

A intervenção militar na Universidad Técnica del Estado - UTE, começou ainda no dia 11 de setembro de 1973. Para essa data estava marcada a abertura da exposição “Por la vida... Siempre!”, com as presenças confirmadas do presidente Salvador Allende e do professor e afamado músico Victor Jara. O evento teve que ser cancelado.

No dia 12, a UTE amanheceu cercada de artilharia de guerra e com seu edifício central bombardeado: recebeu um tiro de canhão com bala de 120mm. Professores, pesquisadores, funcionários, estudantes e o reitor da universidade, Enrique Kirberg, haviam feito uma vigília durante toda a noite e a madrugada, na tentativa de proteger a instituição,

mas, logo pela manhã, foram presos, interrogados e torturados. Todas as autoridades universitárias, eleitas pelo corpo acadêmico, foram destituídas de seus cargos e substituídos por militares designados para ocupar a UTE.

Dentre os detidos estava Victor Jara. Professor, diretor de teatro, cantor, músico, compositor e poeta, Jara foi preso com outras 600 pessoas e levado ao Estádio Chile. Neste espaço teve as mãos quebradas e foi obrigado por seu algoz a tocar violão. Sofreu diversas torturas e humilhações, até que foi morto por fuzilamento, no dia 16 de setembro – quatro dias após sua prisão. O corpo de Victor Jara foi abandonado em um terreno baldio ao lado

do Cemitério Metropolitano, com 44 perfurações de balas.

Para o pesquisador Luan Fernandes, “Tanto no Brasil como no Chile, a repressão contra os professores esteve estreitamente relacionada às lutas do movimento estudantil em contexto de reforma universitária. A aproximação com os estudantes e o grau de apoio às reformas foram fatores relevantes”.

Foi justamente nos movimentos estudantis (de ambas as ditaduras, Brasil e Chile) que os regimes encontraram a resistência mais robusta e tenaz. Isso representa uma leitura simbólica sobre o motivo de as universidades terem sido alvos diretos, quicá vistas como inimigas, pelos governos ditatoriais.

CCBB RJ
Rua Primeiro de Março, 66
Centro, Rio de Janeiro - RJ

Informações
(21) 3808 2020
ccbbrj@bb.com.br

Horário de funcionamento
Quarta a segunda: 9h às 20h
Terça: Fechado

Entrada gratuita

Agendamento de grupos
agendamento.rj@programacbbeducativo.com.br

f /ccbb.rj
@ccbb_rj
@ccbb.rj

Central de Atendimento BB
4004-0001 ou 0800-729-0001

SAC
0800-729-0722

Deficiente Auditivo ou de Fala
0800-729-0088

www.bb.com.br/cultura

Evandro Teixeira. Chile 1973
De 30/08/23 a 13/11/23

Curadoria
Sergio Burgi

Realização
IMS e CCBB

Patrocínio
Banco do Brasil

Produção
Tisara Arte

CADERNO CCBB EDUCATIVO

Sapoti Projetos Culturais

Pesquisa e Redação
Mariana Rigoli

Edição
Daniela Chindler

Colaboração
Alexandre Diniz e Camila Pires

Revisão
Sol Mendonça

Design
E Thal

16



Educativo

Produção

Realização

SAPOTI

TISARA IMS

InstitutoMoreiraSalles



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO